

Critérios de salvaguarda do patrimônio literário: o caso do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

Criteria for safeguarding of the literary heritage: the case of the Archive of Brazilian Literature Museum

368

Daniela Carvalho Sophia¹

DOI 10.26512/museologia.v10i19.33842

Resumo

Este artigo pretende examinar os elementos motivadores do processo de musealização do patrimônio literário brasileiro sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Centrado na exposição de um amplo material para pesquisa, consiste na apresentação dos desafios da Fundação Casa de Rui Barbosa na delimitação e preservação desse patrimônio, especificamente por meio das atividades do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, que se ocupa da musealização de parte desse patrimônio. Verifica-se que, no caso do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, o processo de musealização encontra-se impregnado por relações políticas institucionais originadas em um determinado grupo – aquele formado em torno do bibliófilo e advogado Plínio Doyle. Com isso, pretende-se contribuir para o aprofundamento dos debates sobre o processo de musealização do patrimônio literário no Brasil.

Palavras-Chave

Museologia. Musealização. Patrimônio. Patrimônio literário. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira.

Abstract

In the article we intend to examine the motivating elements of the musealization process of the Brazilian literary heritage under the custody of the Archive-Museum of Brazilian Literature of the Casa de Rui Barbosa Foundation. Focused on the exhibition of a large material for research, it consists of presenting the challenges of the Casa de Rui Barbosa Foundation in the delimitation and preservation of this patrimony, specifically through the activities of the Archive-Museum of Brazilian Literature, which deals with the musealization of part of this patrimony. The musealization process of Archive-Museum of Brazilian Literature is impregnated by institutional political relations originated in a certain group - the one formed around the bibliophile and lawyer Plínio Doyle. With this, it is intended to contribute to the deepening of debates about the process of musealization of literary heritage in Brazil.

Keywords

Museology. Musealization. Patrimony. Literary heritage. Archive-Museum of Brazilian Literature.

Introdução

O campo da preservação do patrimônio literário no Brasil vem apresentando, nas últimas décadas, inúmeros desafios aos gestores. Esses desafios podem ser observados, entre outros fatores, pelo aumento significativo de potenciais doadores de arquivos privados a instituições públicas. Esse é o caso do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB). Instituído por meio da Portaria n.º 5, de 18 de outubro de 1972, publicada no Diário Oficial do Estado da Guanabara em 4 de dezembro de 1972, reúne um acervo de 134 arquivos privados de escritores, uma coleção de documentos avulsos e acervo museológico for-

¹ Doutora em História das Ciências (COC-Fiocruz) e Analista em Ciência e Tecnologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. E-mail: daniela.sophia@rb.gov.br

mado por cerca de 1400 peças. Ao conservar, expor e transmitir o patrimônio material concernente ao fazer literário e ao seu meio, tornou-se um importante local para preservação de acervos dessa natureza.

Não obstante seu reconhecimento como local para recebimento, conservação e guarda de arquivos de intelectuais da Literatura, no âmbito institucional algumas questões ainda precisariam ser mais bem elucidadas e sistematizadas, tais como: para quem o patrimônio literário representa uma referência a ser musealizada? Para quem ele pode ser descartado?

Para responder essas perguntas, observei o campo literário em torno do qual formou-se o AMLB nos primeiros anos de funcionamento. Para os propósitos da pesquisa, realizei ainda uma aproximação ao conceito de *campo* estabelecido por Pierre Bourdieu (2001), que se constitui em um espaço simbólico, no qual lutas dos agentes determinam, validam e legitimam representações. Aqui, compreendo como campo o estado da relação de força entre os agentes ou instituições engajadas. Para que um campo funcione, faz-se necessária a existência de objetos de disputa e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis do jogo (BOURDIEU, 2001).

Nesse espaço simbólico integrantes do campo literário (críticos, artistas e estetas, dentre outros) lutam pelo privilégio da consagração, ou seja, pela autoridade final de dizer quem é e quem não é escritor, o que é e o que não é arte. Assumindo diferentes posições no campo, lutam para impor seu posicionamento artístico como definitivo. É sobre esse ponto e abordagem que proponho dedicar-me neste artigo. O AMLB e, por conseguinte, seus gestores, se constitui como unidade de organização que contribui para conformar e delimitar o patrimônio literário brasileiro, definindo papéis e identificando o universo simbólico em torno do qual será constituído o campo literário.

A noção de musealização do patrimônio literário de que aqui tratamos relaciona-se, ao fim e ao cabo, com a compreensão da gênese social de um campo literário e a apreensão daquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga e das coisas materiais e simbólicas que nele se geram. Encontra-se em jogo no processo de musealização inúmeros elementos como a identidade, alteridade, razão, vida, morte, continuidade, finitude, percepção e conhecimento do belo, todas as características presentes como espelho de múltiplas faces das representações humanas (SCHEINER, 2013: 19). Em toda extensão desse entendimento, encontra-se a dimensão simbólica do patrimônio literário, abordagem que será empregada neste trabalho. Aqui, lembra-se o suposto aberto por Ernst Cassirer, para quem o ser humano, compreendido como “animal simbólico”, organiza sua experiência por meio de formas culturais simbólicas (CAUNE, 2014): o símbolo exprime, pois, o invariável.

Considero como patrimônio “todo objeto ou conjunto, material ou imaterial, reconhecido e apropriado coletivamente por seu valor de testemunho e de memória histórica e que deve ser protegido, conservado e valorizado” (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013: 74), um bem público cuja preservação deve ser assegurada pelas coletividades. Essa noção se remete ao conjunto de todos os bens ou valores, naturais ou criados pelo ser humano, materiais ou imateriais, sem limite de tempo nem de lugar, que sejam simplesmente herdados dos ascendentes e ancestrais de gerações anteriores ou reunidos e conservados para serem transmitidos às gerações futuras (DESVALLÉES & MAIRESSE, 2013).

Neste artigo, motivada pelas atividades arquivísticas e museológicas no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, examinarei as possíveis respostas a essas questões, à luz do desafio que representou o processo de musealização de seus arquivos literários. A seguir, destacarei a musealização do patrimônio literário sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira.

Os primeiros passos na constituição do acervo musealizado: um campo de disputas

As primeiras pistas sobre a constituição do acervo do AMLB, podem ser encontradas na própria literatura que historiciza e procura demonstrar diferentes aspectos políticos relacionados ao surgimento do Arquivo-Museu de Literatura (RANGEL, 2008, 2018; VASCONCELLOS & XAVIER, 2012). Em primeiro lugar, versa a noção, amplamente divulgada pela literatura da área, de que a criação do AMLB teria sido conseqüência de um apelo do próprio Drummond em sua coluna de 11 de julho de 1972 e que se lamentava ele pela “falta de um museu de literatura como defesa contra as perdas [de nossa] da memória literária” (VASCONCELLOS & XAVIER, 2012). O contexto de sua criação se relaciona com a publicação, em 11 de julho de 1972, no Suplemento Caderno B do *Jornal do Brasil*, da crônica intitulada “Museu: Fantasia?”, de Carlos Drummond de Andrade. Nela, o poeta ressaltava a necessidade de criação de um *órgão especializado*, de um “museu vivo que preservasse a tradição escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores” (ANDRADE, 1972: 5). Dizia Drummond:

Meu sonho é ver reunidos, em sala bem arrumada, o manuscrito de Iracema, o tinteiro de Alphonsus de Guimarães, o caderno de exercício de alemão de Machado de Assis e uma lembrança de Lima Barreto e mais isso ou aquilo que nos restitua a presença, o esforço criador, a esquecida memória dos que, no Brasil, praticavam o ofício da palavra (ANDRADE, 1972: 5).

Se Drummond se constitui no idealizador do AMLB, teria sido o advogado e bibliófilo Plínio Doyle o responsável pela execução de sua ideia:

Em 1972, ainda no Sindicato, por sugestão de Carlos Drummond de Andrade, iniciei as providências necessárias à criação de um órgão ou entidade que pudesse, no futuro, conservar nossos arquivos, com outros que fossem obtidos. Nossa primeira tentativa foi o José Olímpio, com sua livraria-editora, que a princípio aceitou a ideia da criação de uma fundação com seu nome. Pedi então a Lacombe [Americo Jacobina Lacombe] cópia do documento de criação da Fundação Casa de Rui Barbosa e, explicando a razão do pedido, ele logo se mostrou favorável à ideia de ser levado o assunto para a própria Casa. [...] Voltei para a Casa Rui, e o Lacombe, juntamente com Irapoan Cavalcanti de Lira, diretor executivo, e o Maximiano de Carvalho e Silva, diretor do Centro de Pesquisa, criaram o Arquivo-Museu de Literatura”, cujo ato foi assinado a 28 de dezembro de 1972 com uma pequena exposição na Sala da Constituição. (DOYLE, 1999: 124)

A trajetória biográfica de Plínio Doyle é um importante elemento para examinarmos no intuito de compreendermos a presença de acervo relativo a tantos escritores “consagrados”. A começar, advogado de formação, entre os anos de 1935 e 1960 trabalhara para a Editora José Olímpio. Importante destacar a importância desse trabalho na formação do círculo intelectual ao redor de Plínio. Como afirmara Rangel a respeito da Livraria: “A José Olympio foi muito

mais que uma livraria e editora; foi um espaço de convívio, de bate-papo, de troca de ideias [...] e foi ainda um importante ponto de encontro de escritores e intelectuais (RANGEL, 2008: 24). “Os novos autores tinham a José Olímpio como referência e sonhavam ser editados por ela” (RANGEL, 2008: 25). José Olímpio foi o editor de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Luiz Jardim. O contato de Plínio com o escritor Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, esteve fortemente relacionado à Livraria. Os dois eram velhos conhecidos dos tempos em que frequentavam o local. Além disso, o próprio José Olímpio – amigo pessoal de Plínio - doara pessoalmente parte do acervo da Livraria ao Arquivo-Museu. O próprio Plínio afirmara em seu livro autobiográfico: “Lá conheci todos os autores da época, e nos almoços de quarta feira conversávamos muito” (DOYLE, 1999: 43). Esse trabalho lhe abriria portas, possibilitando a Plínio a criação de fortes vínculos com nomes consagrados da literatura brasileira à época.

Além do círculo social que o trabalho na Livraria representara, há que se destacar que esteve à frente do Sabadoyle – nome dado em alusão ao anfitrião Plínio Doyle que protagonizara, em sua residência, a começar na Rua Barão de Jaguaribe, em Ipanema, Zona Sul do Rio de Janeiro, reuniões literárias, ocorridas sistematicamente entre os anos de 1964 e 1998. Tais reuniões parecem ter conferido estrutura ao campo do patrimônio literário relacionado ao AMLB pelas amizades que naquelas reuniões foram formadas, pelas posições tomadas e pelos debates que ali sucederam. Consideradas pela imprensa da época como os “acadêmicos sem fardão” (RANGEL, 2008), elas se constituíram, antes de tudo, no lugar por excelência da fermentação intelectual em torno da constituição do AMLB e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, contribuindo para a constituição do perfil do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Uma das conseqüências observáveis tange à influência do grupo na escolha, para a composição do acervo, de escritores que se constituem justamente em “ícones da cultura letrada”. “Como diretor do Arquivo-Museu, Doyle estimulou as doações de arquivos para o departamento recém-criado, sendo as reuniões do Sabadoyle o ambiente propício para a solicitação de tais doações” (RANGEL, 2008: 31).

Além do Sabadoyle, Rangel (2008) registra a passagem de Doyle pela Academia Brasileira de Letras onde assistiria aos discursos de Afrânio Peixoto, Silva Ramos, Carlos de Laet, tendo sido alguns, inclusive, seus professores. Também foi registrada passagem de Doyle pelos salões de leituras da Biblioteca Nacional. O significativo convite feito em 1971 por Adonias Filho (RANGEL, 2008) para que Doyle organizasse a Associação Profissional dos Escritores do Estado da Guanabara também mostra a forte aproximação deste com o círculo literário. A Associação funcionaria na mesma sala do Sindicato dos Escritores do Estado da Guanabara (RANGEL, 2008)

O terceiro fator deve-se à sua relação com a Fundação Casa de Rui Barbosa, dirigida à época por Américo Jacobina Lacombe. Eles teriam cursado juntos o Colégio Ateneu. Nesta época, Plínio conhecera Américo, que se tornaria seu amigo por toda a vida e que – diga-se de passagem – também participara do núcleo fundador do Sabadoyle: “a relação de Plínio Doyle com a Fundação Casa de Rui Barbosa teve sua origem na amizade com Américo Jacobina Lacombe, iniciada na mocidade de ambos, a partir de 1926. Passaram juntos para os exames da banca do Colégio Pedro II” (RANGEL, 2008: 14). Também teriam frequentado a mesma faculdade de Direito. Além da relação pessoal e afetiva de tempos escolares, os dois estabeleceram algumas promissoras parcerias pro-

Critérios de salvaguarda do patrimônio literário:
o caso do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

fissionais. Lacombe, que, ao longo dos anos, em seus cadernos, fizera anotações que contribuiriam para a elaboração do roteiro das *Obras Completas* de Rui Barbosa (LACOMBE, 1974), recebera ajuda de Plínio na revisão. Além disso, cita-se a relação hierárquica existente entre os dois na Casa de Rui: enquanto Américo dirigira a Casa – no período correspondente aos anos de 1939 a 1993 –, Plínio Doyle teria sido, naquela mesma instituição, membro do Conselho Consultivo (Portaria publicada em 31.08.1970) e Diretor do Arquivo-Museu de Literatura (RANGEL, 2008).

Figura 1 - Fotografia Plínio Doyle abraçando Américo Jacobina Lacombe no Sabadoyle, Rio de Janeiro. Sem data.



Fonte: Memória Literária XIV – Dedicatórias: Falam os amigos - Homenagem a Plínio Doyle.

Surge, com isso, uma série de negociações a partir de relações estabelecidas em diferentes instâncias que culminará não somente com a efetiva criação do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, mas, sobretudo – e nesse caso é o que aqui importará– aquelas negociações para a composição do acervo literário. É possível notar, no caso em questão, que os acervos recebidos pela Casa relacionam-se a escritores integrantes do círculo social e de convivência do primeiro diretor do Arquivo-Museu, o advogado e bibliófilo Plínio Doyle.

O próprio diretor, segundo relato da atual gestora do AMLB, Rosângela Florido Rangel, solicitava aos escritores a doação de seus acervos. Ele, pessoalmente, apresentava a proposta do AMLB. Em contrapartida à doação, familiares e titulares recebiam, do próprio Plínio, uma carta padrão que registrara o agradecimento e destacava a relevância da doação do arquivo para o AMLB (CRB, 1988).

As cartas trocadas entre o diretor do Arquivo-Museu e os titulares de acervo e seus familiares mostram a proximidade que existia na determinação dos arquivos que ali seriam recebidos. Além dessa correspondência “padrão” a que era destinada aos titulares doadores, nos processos de doação - que se encontram no Arquivo Institucional da Fundação para consulta - encontrei, em cartas trocadas, a expressão de afetos e de um círculo social estabelecido em torno do bibliófilo:

Devo confessar que se hoje aqui estou isto se deve a Plínio Doyle. Não é que ele me fez prometer – com testemunhas e tudo – doar para a Casa Rui Barbosa: 1) uma lista completa dos livros publicados; 2) todo meu arquivo literário.

- Mas Plínio...

- Sim, sim sim, mãos à obra.

Pois é. Fui organizar a lista de livros e o próprio Plínio se admirou: 215 títulos. Fui espiar meus álbuns de recorte e deparei 47 álbuns deste tamanho. De modo que aqui estão 70 anos de testemunhos literários. De uma autora do século XX cujos escritos começaram a ser publicados quando a autora tinha dezesseis anos...

Amigos: em memória da dedicação providencial de minha mãe e, cumprindo a promessa feita a Plínio Doyle, deixo em vossas mãos esses arquivos não implacáveis.

(Carta de Stella Leonardos a Plínio Doyle em 30.03.2001. Fonte: AMLB).

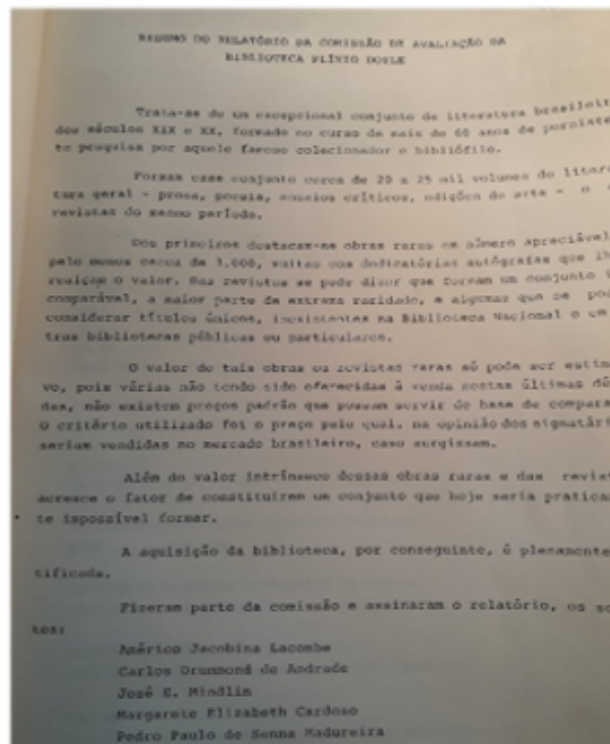
Nesse período, registra-se a entrada de escritores integrantes ou próximos ao seu círculo social. Do total de 134 titulares constantes no Guia de Acervo do AMLB, 33 tinham com ele uma relação direta ou indireta.

O primeiro grande arquivo foi o de José Candido de Andrade Murici, doado ainda em vida pelo escritor, e que eu próprio, em companhia de Galante de Sousa e de Cláudia Silveira, fui apanhar em sua residência à Rua Pires de Almeida, em Laranjeiras [...]. Depois, com o correr dos anos, vieram outros arquivos, como o de Carlos Drummond de Andrade, que cada sábado, na reunião do Sabadoyle, me entregava um pouco da sua documentação. A seguir, os de Pedro Nava, Manuel Bandeira, Lúcio Cardoso, José Olímpio, Augusto Meyer, Thiers Martins Moreira, Cornélio Penna, Rodrigo Otávio Filho, Ciro dos Anjos, Clarice Lispector, Wilson Martins, Osman Lins, Murilo Miranda, Joaquim Inojosa, Hélio Pelegrino, Vivaldo Coaraci, Gilberto Amado, Genolino Amado, Rui Ribeiro Couto, Paulo Rangel, Carlos Castello Branco, Rubem Braga, Antônio Callado, e outros que podem ter escapado. (DOYLE, 1999: 125)

No que tange à lista de doadores, ressalta-se o fato de ter sido o próprio Plínio um dos mais expressivos doadores de acervo ao AMLB, a começar por sua biblioteca, um composto de cerca de 25 mil livros a que, registrada à parte, teria sido denominada por “Biblioteca Plínio Doyle”, vendida à Fundação em 1988, durante o período em que estive à frente do AMLB, pelo valor de Cz\$ 30.000.000,00 (trinta milhões de cruzados) (CRB, 1988).

À época, estabeleceu-se uma comissão, nomeada pelo então Ministro da Cultura Celso Furtado, para avaliar o montante da biblioteca. O perfil da comissão mostra, de antemão, as fortes intenções por parte da Fundação na aquisição do acervo. Instituída respectivamente pelo Dr. Américo Jacobina Lacombe, apontado anteriormente como tendo uma forte relação de amizade com Doyle; Carlos Drummond de Andrade, amigo pessoal, frequentador do Sabadoyle e principal ideólogo do Arquivo-Museu; José E. Mindlin, amigo e frequentador do Sabadoyle. Os demais membros da Comissão foram Pedro Paulo de Senna Madureira (editor) e Margarete Elizabeth Cardoso, especialista em avaliação de bibliotecas. A aquisição da biblioteca, ao fim, justificou-se por ser esta um “excepcional conjunto de literatura brasileira dos séculos XIX e XX, formado no curso de mais de 60 anos de persistente pesquisa” de Plínio, conforme o documento “Resumo do relatório da Comissão” que aqui reproduzo:

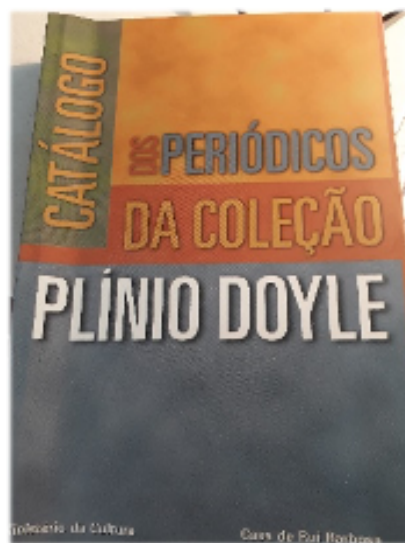
Figura 2 - Documento Resumo do relatório da Comissão. Sem data.



Fonte: Arquivo institucional FCRB. Processo n.º 10/88, p. 41. Instrumento de compra e venda.

O catálogo de periódicos do acervo de Plínio foi, inclusive, editado pela Fundação – sob a orientação do próprio Plínio - e que teve como objetivo apresentar os 1788 títulos de sua coleção, integrada a Casa em 1988 e por ele atualizada até outubro de 1999 (FCRB, 2000).

Figura 3 - Imagem da capa do “Catálogo de Periódicos da Coleção Plínio Doyle”, editado pela Fundação Casa de Rui Barbosa em 2000.



O evento de doação da biblioteca foi, também, objeto de registro nas reuniões do Sabadoyle (RANGEL, 2008, 2018; SENNA, 2000), impressões que aqui reproduzo:

A ata de hoje, de número 744, não é de alegria, mas também não é de tristeza, sentimento que não existe entre os Sabadoylianos. Todos já sabem que esses livros vão sair desse nosso estimado ambiente para a Fundação Casa de Rui Barbosa em virtude da venda que fiz, do meu maior interesse, primeiro por que preservei o patrimônio cultural que tomou cerca de sessenta anos de minha vida para ser organizado, com o carinho e o amor que sempre dediquei aos livros; segundo porque não posso mais dedicar ao livro o mesmo carinho e amor de sempre, e que eles merecem e precisam. Mas todos vão ficar na Fundação, sob as minhas vistas, pois passam a fazer parte do Arquivo-Museu de Literatura ou melhor ao Centro de Literatura Brasileira em que se transformará o Arquivo-Museu de Literatura, com a incorporação de nossa biblioteca. Aqui nesse segundo andar da rua Barão de Jaguaripe n. 74, nós nos reunimos desde junho de 1972 – são portanto quase 16 anos; fatos que a memória guardou lembram que, voltando eu e esmeralda de uma viagem à Europa, logo após o aniversário de Sônia, fiz a reunião aqui ainda sem total arrumação. Mas as atas, não sei de quem foi a lembrança, só tiveram início em novembro de 1972, com um belíssimo poema de Alphonsus de Guimaraes Filho. Tivessem as atas começado em 1964 e a de hoje teria sido o número 1149. [...] Os livros ficarão ainda algum tempo aqui no segundo andar do 74, sob a responsabilidade da Fundação; mas vai ter início o serviço de preparo das fichas, e já podemos prever a balbúrdia que vai pairar por aqui.

Além de sua biblioteca, o arquivo pessoal de Plínio, que reúne aproximadamente 10 mil documentos, faz parte dos acervos que estão sob a guarda do AMLB (RANGEL, 2008). Integram o acervo museológico de Plínio sob a guarda do AMLB objetos, “medalhas, por exemplo, referentes a homenagens recebidas por Doyle ao longo de sua vida” (RANGEL, 2008: 30).

Eis um indício que mostra não somente a aproximação entre espaço público e privado mas, sobretudo, a relação afetiva estabelecida entre o Diretor do Arquivo-Museu e o acervo ali depositado. Em correspondência oficial da Casa de Rui Barbosa ao escritor Guilherme de Figueiredo, Plínio acusa o recebimento dos romances *Viagem* e *14 tilsitt*, do autor, utilizando o pronome possessivo “meu” ao referir-se ao Arquivo-Museu do qual era diretor:

Meu caro Guilherme. Acabo de receber mais duas preciosidades para o “meu” Arquivo-Museu de literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa: os originais datilografados, com alterações manuscritas dos seus romances: *Viagem* e *14 tilsitt*, o primeiro com dedicatória excelente, pois conta a história do livro e as suas possíveis consequências. Tudo vai ser devidamente registrado, e logo informarei número no catálogo. (Processo Arquivo Institucional)

Muito interessante perceber a proximidade encontrada entre o espaço privado do Diretor do AMLB e aquele da Casa de Rui Barbosa. Em primeiro lugar, o próprio gestor do Arquivo-Museu transferira para o espaço público seu acervo pessoal. Além disso, dentro de sua residência estivera incumbida a Fundação de preparar sua biblioteca para transferência ao espaço público. O terceiro ponto a que chamo atenção é o convite feito aos membros de seu círculo social, o que promovera um movimento pela doação de seus acervos pessoais como será visto a seguir.

Há que se destacar ainda mais um elemento: o impacto social que a presença e o trabalho de Plínio Doyle, à frente do Arquivo-Museu, representaram

Critérios de salvaguarda do patrimônio literário:
o caso do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

à instituição. Sobre esse ponto, versa um catálogo de exposição organizada na própria Fundação com o título *Entre Livros e outros amigos: homenagem a Plínio Doyle*, inaugurada no dia 9 de novembro de 2001.

A exposição oferece muitos elementos que apontam a relação afetiva entre Plínio e os potenciais titulares de acervo do AMLB. A partir de um levantamento feito pela equipe do Arquivo-Museu, foram selecionados para a exposição exemplares de livros que continham dedicatórias manuscritas de autores falecidos. Essas dedicatórias oferecem elementos para examinarmos as relações sociais do bibliófilo.

Aqui me parece muito significativo, em primeiro lugar, que dos autores das 25 dedicatórias selecionadas e apresentadas na exposição, 13 se constituem como titulares de acervo do Arquivo-Museu. São eles: Gilberto Amado, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Lucio Cardoso, Afonso Arinos de Melo Franco, Joaquim Inojosa, Luiz Jardim, Clarice Lispector, Thiers Martins Moreira, Pedro Nava, Peregrino Junior, Marques Rebelo e Luiz Viana Filho.

Em segundo lugar, destaca-se que a entrada no acervo do AMLB de grande parte dos titulares ocorrera no período de gestão de Plínio, com exceção da doação do arquivo de Marques Rebelo, ocorrida em 2009, e de Afonso Arinos de Melo Franco, em 2010. Além desses, duas dedicatórias são de especial destaque, dada sua importância no âmbito político. A primeira, do próprio Américo Jacobina Lacombe referindo-se à Plínio como “o mais antigo amigo”. Aqui, é preciso lembrar que este era Presidente da Casa Rui Barbosa em parte do período em que Plínio era o Diretor do Arquivo-Museu. A segunda, a de Gustavo Barroso, que fora importante personalidade no cenário nacional no que diz respeito ao seu protagonismo como Diretor do Museu Histórico Nacional e no âmbito da arena das políticas de preservação do patrimônio cultural². Observa Vasconcellos (1994: 4):

Os textos das dedicatórias ressaltam a importância da coleção Plínio Doyle para o estudioso de Literatura brasileira. Nota-se na exposição a presença maciça de nossos escritores. Alguns ligados a Plínio Doyle por afeição e outros que tiveram lugar em suas estantes graças ao espírito empreendedor e dedicado às letras nacionais; uns mais próximos, ou outros menos próximos, enfim. Essas dedicatórias nos parecem indicar e fortalecer o argumento segundo o qual as relações afetivas e sociais se constituíram como um forte elemento na constituição dessa ‘memória nacional’.

Um último e não menos importante dado me chamou muita atenção. Ao entrar nas dependências do Arquivo-Museu - atualmente localizado no térreo do edifício anexo da Fundação Casa de Rui Barbosa -, o visitante depara-se com antigos painéis, com cerca de 2m X 1,5m, contendo imagens do Sabadoyle. Dentre as imagens com que se depara o visitante, a sala do apartamento de Plínio Doyle, localizado à Rua Barão de Jaguaribe, em Ipanema; outra, do grupo do Sabadoyle. No primeiro plano, encontram-se Alphonsus de Guimaraes Filho e Carlos Drummond de Andrade – ambos doadores de acervo ao AMLB.

Todas essas ocorrências parecem tratar do que Maurice Halbwachs (2006) denominou por pontos de referência do grupo, que estruturam sua memória e que a inserem na memória da coletividade diferenciando-os dos outros,

2 Destaca-se o protagonismo de Barroso no cenário nacional em geral e carioca, em particular: o pensamento barrosiano materializou-se em diversos projetos como o do Museu Histórico Nacional (1922), o Curso de Museus (1932), a Inspeção de Monumentos Nacionais (1934), dentre outros que ficaram apenas no papel.

reforçando sentimentos de pertencimento e estabelecendo fronteiras socioculturais. Parece que a presença dessas imagens a compor hoje o cenário do AMLB marca um esforço de manutenção, de coerência, de unidade e de continuidade da historiografia em torno da criação do Arquivo-Museu. Isso se dá quando estão sendo recolocados não somente os valores que a instituição e seus gestores inculcam a memória produzida pelas atividades arquivísticas e museológicas que representam a existência do AMLB.

Aqui, chego ao seguinte ponto: ocorre que, não obstante haver no interior do campo literário brasileiro uma pluralidade do que é possível denominar por “memórias literárias nacionais”, essa área dos valores partilhados pelo referido grupo mostrou-se bastante ampla, penetrando o espaço público e, uma vez que essa memória invadira tal espaço, reivindicações múltiplas parecem ter se formado e, por conseguinte, se acoplado a essa disputa de memória. Tudo isso está em cena durante o processo de musealização, para manter a coesão do referido grupo e das instituições responsáveis pela definição e preservação da memória literária, definindo seu respectivo lugar, sua complementaridade, assim como suas oposições.

Todas essas ocorrências mostram o desafio de se pensar a literatura e o escritor em suas relações, por exemplo, com a formação de sua imagem pública e o discurso midiático – de que passa cada vez mais a fazer parte – na medida que deslocam do espaço doméstico para a esfera pública seus arquivos pessoais. E aqui, cabe lembrar – em sintonia com Marques (2015: 91) – que “as imagens do escritor, ao se deslocarem para a cena pública, atuam como uma das forças motivadoras da própria formação dos arquivos literários”.

Comprovam-na, por exemplo, a divulgação em verbetes publicados na obra *Enciclopédia Itaú Cultural*; nas notas biográficas publicadas nos Anuários da Academia Brasileira de Letras; ou mesmo nas informações biográficas contidas nos verbetes dos dois tomos da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, de Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa. Além das obras enciclopédicas, cito aqui os necrológicos e, mais recentemente, tendo em vista o papel das mídias e redes sociais, a expressão de conagraçamento possa ser avaliada segundo critérios de acesso a sites e comunidades destinadas a determinado autor. A avaliação a partir do número de “curtidas” ou mesmo na quantidade de acessos também se mostra ser hoje um indicativo de sua popularidade ou projeção pública.

Isso sem contar as inúmeras possibilidades de pesquisa e reflexão acadêmica que os arquivos pessoais suscitam, tornando-se fonte de pesquisa e produção no âmbito dos estudos universitários e pós-graduados. Outro desdobramento se constitui na publicação de inventários. Com a edição dos inventários, por exemplo, o recém-criado Centro de Literatura Brasileira – nomenclatura que, por um período que teve início em 1988, passou o AMLB a assumir – na apresentação do primeiro número, a expressa intenção de “facilitar o acesso à informação e de colocar à disposição do público a documentação que constitui o seu acervo” (FCRB, 1988: 7). Foram produzidas as seguintes publicações: *Inventário de arquivos de Thiers Martins Moreira* (FCRB, 1988), *Augusto Meyer* (FCRB, 1988), *Manuel Bandeira* (FCRB, 1989), *Lúcio Cardoso* (FCRB, 1989), *Clarice Lispector* (FCRB, 1993), *Vinícius de Moraes* (FCRB, 1995), *Carlos Drummond de Andrade* (FCRB, 1998), *Pedro Nava* (FCRB, 2001) e *Antônio Sales* (Vasconcellos, 2007).

Outra estratégia que passou a contribuir para a divulgação dos arquivos foram as exposições organizadas. No caso do AMLB em questão, desde sua criação a organização de eventos expositivos se constituiu em uma de suas prin-

Critérios de salvaguarda do patrimônio literário:
o caso do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

cipais estratégias para aproximar o público e divulgar os acervos sob sua guarda. Por meio de códigos museográficos, passa o Arquivo-Museu a divulgar informações sobre o seu acervo a fim de promover o conhecimento sobre o acervo adquirido e seu papel na sociedade. A partir de 1974, as exposições passaram a ser intituladas *Memória Literária* e relacionavam-se com a divulgação de datas e eventos comemorativos concernentes à vida e obra de escritores brasileiros e com a doação de peças ao Arquivo-Museu. Entre os anos de 1972 e 1994, foi identificado um total de dez edições do evento a partir do que se tem registro em catálogos impressos disponíveis no Arquivo Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. A essa listagem somam-se ainda as exposições “Homenagem a Drummond”, ocorrida em 1982, em comemoração aos 80 anos do poeta; e a exposição “Pedro Nava – tempo, vida e obra”, também em comemoração aos 80 anos do escritor, realizada em 1983, prováveis sexta e sétima edições do evento.

Nesse círculo estabelecido, chego ao seguinte ponto: as escolhas feitas durante o processo de aquisição de acervo – como é possível notar no caso do AMLB em seus anos iniciais sob a gestão de Plínio Doyle - têm, pois, um importante protagonismo na formação da memória a ser posta em cena. O caso da constituição do acervo do Arquivo-Museu de Literatura, emblemático, mostra essa relação. O AMLB passou a receber acervos de escritores ligados ou próximos ao círculo social de Plínio Doyle e a seu grupo literário. Por meio do papel desempenhado por Plínio Doyle, o acervo ganhou, progressivamente, forma e conteúdo. Sua delimitação esteve relacionada não somente ao conteúdo e qualidade literária dos escritores, mas a uma rede social que foi, aos poucos, sendo constituída a partir de seu contato em diversos espaços relacionados à literatura como a Editora José Olímpio, às reuniões do Sabadoyle e em espaços consagrados do campo literário.

É possível perceber, em referência ao estudo de caso aqui em questão, que a dinâmica estabelecida pelo processo de musealização no AMLB parece, de fato, privilegiar critérios políticos decorrentes dessa rede social. Com isso, é possível verificar a existência de uma certa hierarquia na escolha daqueles que irão compor o universo literário brasileiro: os escritores reconhecidos por instituições mais prestigiosas são aqueles que – na maior parte das vezes - obtêm o lugar na memória nacional. Aqueles que vão para o topo da pirâmide são aqueles reconhecidos entre seus pares, alçados, dessa forma, à condição de “imortais” – termo cunhado àqueles ingressantes na Academia Brasileira de Letras.

Considerações finais

No ano de 1973, em crônica publicada no *Jornal do Brasil*, o escritor Carlos Drummond de Andrade pedia aos seus leitores o “belo gesto” de enviar materiais - manuscritos, poemas e obras - ao acervo do então recém criado AMLB (ANDRADE, 1973). O evento de inauguração do Arquivo-Museu, naquele mesmo ano, foi o primeiro grande movimento organizado pelo próprio arquivo para angariar acervo para a instituição recém criada (CRB, 1972).

Ocorre que, à despeito do espírito democrático e universal que nascia junto com a instituição, os gestores do AMLB parecem ter reproduzido um padrão de gestão que se caracterizaria pela seleção de “eleitos” ou, pela seleção de escritores “consagrados” para compor o universo de titulares com acervos ali depositado. De fato, uma aproximação inicial à história sobre do AMLB per-

mite inferir que elementos de consagração parecem encontrar-se muito presentes no processo de seleção dos escritores a integrar com seus objetos e documentos o seu acervo arquivístico e museológico. Há de se notar que figura-se entre os titulares nomes “consagrados” como o do próprio Carlos Drummond de Andrade; o do escritor Plínio Doyle ou mesmo o do diplomata Vinícius de Moraes. Por outro lado, escritores pouco conhecidos nacionalmente ou escritores de expressão regional não pareceram possuir tamanha representatividade comparativamente ao montante do acervo representado.

Esse movimento de definição do patrimônio a ser musealizado ou, em outros dizeres, na definição de entrada de novos titulares ao acervo, nos obriga a fazer um balanço realista dos limites e possibilidades do próprio processo de musealização, no sentido de fortalecer sua institucionalidade e combater o cerco das práticas patrimonialistas (a gestão do acervo como assunto de interesse particular e privado). Tal fato parece apontar em direção à ideia segundo a qual a memória é muito mais do que lembrança. Ela encontra-se alicerçada em um movimento pendular que oscila entre lembrança e esquecimento: “lugares, pessoas e acontecimentos são lembrados porque inúmeros outros são esquecidos” (MURGUIA, 2010: 8). A dinâmica de trabalho desenvolvida deriva, assim, do contexto de cada uma das escolhas feitas, bem como do contexto político e intelectual de cada período. Nesse caso, as instituições de memória parecem se constituir em espaços fundamentalmente políticos.

Essa característica acaba por aparecer fortemente como elemento no processo de musealização, com grande força simbólica a expressar os contrastes no perfil das escolhas feitas. Ocorre que, ao fim, se de um lado, se quer negar o modelo patrimonialista de escolha ao submeter sua aprovação à conselhos “diretores” e “técnicos”, por outro, os critérios alicerçados nos elementos e discursos de consagração acabam por reafirmar tal modelo.

Dessa forma, considero – tendo em vista as discussões apresentadas neste artigo – que, pensar patrimônio literário a partir do processo de musealização implica, sobretudo, no reconhecimento do caráter político das relações estabelecidas nas instituições, entre os profissionais e entre os seus gestores. Verifico, no caso do AMLB, que o processo de musealização encontra-se impregnado por relações políticas institucionais originadas – porque não – num determinado grupo e com propostas construídas em grande parte para os interesses deste.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. Em São Clemente, 134. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1973. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=Em%20S%C3%A3o%20Clemente,%20134>. Acesso em: 29 abr. 2016.

ANDRADE, Carlos Drummond. Museu: fantasia? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 jul. 1972. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=Museu%20:%20Fantasia>. Acesso em: 29 abr. 2016.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Critérios de salvaguarda do patrimônio literário:
o caso do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

BRASIL. FCRB (Fundação Casa de Rui Barbosa). Portaria 5, de 18 de outubro de 1972.

CARVALHO E SILVA, Maximiliano de. *O Centro de Pesquisas da Casa Rui Barbosa: 20 anos de atividade (1952-1972)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1972.

CASA DE RUI BARBOSA. CRB. Convite para as solenidades de 28 de dezembro de 1972.

CASA DE RUI BARBOSA. CRB. Processo n.º 405/1973. 1973. Disponível no Arquivo Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa.

CASA DE RUI BARBOSA. CRB. Relatório de Gestão. FCRB, 1973.

CASA DE RUI BARBOSA. CRB. Relatório de Gestão. FCRB, 1974.

CASA DE RUI BARBOSA. CRB. Relatório de Gestão. FCRB, 1975.

CASA DE RUI BARBOSA. CRB. Processo n.º 10/1988. 1988. Disponível no Arquivo Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa.

CASA DE RUI BARBOSA. Memória Literária XIV – Dedicatórias: Falam os amigos - Homenagem a Plínio Doyle, 1994.

CAUNE, Jean. *Cultura e comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação*. Tradução de Laan Mendes de Barros. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares; Marília Xavier Cury. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DOYLE, Plínio. *Uma vida*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

FCRB. Inventário de Arquivo Thiers Martins Moreira. Rio de Janeiro: Edições FCRB, 1988.

FCRB. Inventário de Arquivo Augusto Meyer. Rio de Janeiro: Edições FCRB, 1988.

FCRB. Inventário de Arquivo Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Edições FCRB, 1989.

FCRB. Inventário de Arquivo Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Edições FCRB, 1989.

FCRB. Inventário de Arquivo Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Edições FCRB, 1993.

FCRB. Inventário de Arquivo Vinícius de Moraes. Rio de Janeiro: Edições FCRB, 1995. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/edicoes_online/inventarios/Inventario_ViniciusdeMoraes.pdf. Acesso em: 19 fev. 2019.

FCRB. Inventário de Arquivo Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Edições FCRB, 1998. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=123. Acesso em: 17 fev 2019.

FCRB. Inventário de Arquivo Pedro Nava. Rio de Janeiro: Edições FCRB, 2001. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=123. Acesso realizado em: 17 fev. 2019.

FCRB. *Catálogo dos periódicos da Coleção Plínio Doyle*. Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LACOMBE, Américo Jacobina. *Roteiro das Obras Completas de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Ministério da educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1974.

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos Literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

MURGUIA, Eduardo Ismael (Org.). *Memória: um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus*. São Carlos: Compacta, 2010.

RANGEL, Rosangela Florido. *Sabadoyle: uma academia literária alternativa?* Dissertação (Mestrado em História, Políticas e Bens Culturais), Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2150/CPDOC2008RosangelaFloridoRangel.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 ago. 2016.

RANGEL, Rosangela Florido. *“O pão nosso de cada sábado”*: estudo da vida literária a partir das atas do Sabadoyle. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SCHEINER, Teresa. Museu, museologia e a ‘relação específica’: considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. *Inf.*, Brasília, v. 42 n. 3, p. 358-378, set./dez., 2013. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1368>. Acesso em: 26 abr. 2018.

SENNA, Homero. *O Sabadoyle*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

VASCONCELOS, Eliane; XAVIER, Laura Regina. *Guia do Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.

VASCONCELLOS, Eliane. Introdução. In: *Memória Literária XIV – Dedicatórias: Falam os amigos- Homenagem a Plínio Doyle*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1994.

Recebido em 06 de setembro de 2020
Aprovado em 22 de dezembro de 2020